



O eu (n) a Cidade

Barbara Coelho



O eu (n) a Cidade

Barbara Coelho

© Bárbara Coelho de Souza 2016
Todos os direitos reservados.

Título

O eu (n)a cidade

Texto e fotografia

Bárbara Coelho

Projeto gráfico

Gabriela Machado

S729 SOUZA, Bárbara Coelho de.

Título do livro – Bárbara Coelho de Souza. - Brasília: UnB / Instituto de Letras/
Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2016.

63 f. : il. ; 21cm.

Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Instituto de
Letras /Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2016.

Orientação: Prof.^a Dra. Fabricia Wallace Rodrigues

1. Brasília. 2. Memória. 3. Sujeito. 4. Urbanismo. 5. Literatura.

O eu (n)a cidade

Bárbara Coelho

Sumário

O infinito	7
Os galhos secos	15
O degradê	25
A repetição	31
O vermelho-acobreado	39
O propósito	47
O despropósito	55
O vão	65

PALAVRAS. O INTERMINÁVEL CICLO DE ESCREVER E APAGAR. De pensar e repensar. De ser e, de repente, não ser. Ando pensando com os meus botões. O texto está para o sujeito como a arquitetura está para a cidade. É o segredo, o que é revelado, mas não é dito. Gosto bastante de um livro do Milton Hatoum, que possui um trecho gravado – no papel e em mim: “Uma cidade não é a mesma cidade se vista de longe, da água: não é sequer cidade: falta-lhe perspectiva, profundidade, traçado, e sobretudo presença humana, o espaço vivo da cidade” que, sempre me faz pensar a respeito da construção. Construção do todo, construção de si. Não se separa. O que são as palavras sem o ser? O que é o ser sem o sentir? A cidade só existe porque existe vida na cidade. Vivemos um pouco da cidade que somos. Ou somos um pouco da cidade que vivemos. Que seja. Viver é sempre um emaranhado. O concreto e o impalpável, juntos, formando um só ser. Um texto que é sempre reescrito, mas nunca consegue se expressar totalmente. O tijolo, a palavra, a ferramenta que sempre esconde o que se sente.

Comecei a escrever este diário há poucos anos, num súbito temor de que minha história se perdesse na minha vaga e fraca memória. Pode um ser deixar de ser sem a lembrança do que se foi? Me sentia nua e crua na vida. O que eu havia sido até então? O que me tornava quem eu era – e já não sou mais –? Descobri a cidade onde vivo, e, por meio dela, descobri um pouco mais de mim. Desde então, procuro recuperar momentos que se escondem em palavras, na cidade, e na busca de mim.

Pensando nisso, peguei minhas escrituras sobre a minha cidade – chamo-a de minha porque sinto que, de alguma forma, ela me pertence. O exercício não foi simples, pois não costumo ler o que escrevo; o “eu” que lê, já não é mais o “eu” que escreveu, sinto como se invadissem a minha própria privacidade, as verdades são outras. O mesmo emaranhado que habita em mim parece se expandir e se espalhar por tudo o que me cerca. A cidade reflete o que há em mim. Ou talvez eu seja apenas um reflexo, um fragmento do que é a cidade.

Tentei unir todos os retalhos de texto, a fim de conseguir uma unidade. Enquanto tentava, no entanto, fui levada de volta ao Milton Hatoum, e “tudo se embaralhava em desconexas constelações de episódios”. A cidade é uma massa heterogênea, uma grande coexistência de casualidades. E assim estão dispostos os sentimentos sobre as páginas a seguir. ◇

O infinito

“Estou livre? Tem qualquer coisa que ainda me prende. Ou prendo-me a ela? Também é assim: não estou toda solta por estar em união com tudo.” – Clarice Lispector

BRASÍLIA É FEITA DE DISTÂNCIAS. Foi feita para andar de carro. E, quem precisa caminhar, percorre longas distâncias sem ao menos se dar conta disso. Gosto de vagar pela cidade. Andarilhar. Atravessar ruas e avenidas. Viver a multidão. Em cidades que já visitei, além de os carros quase nunca pararem na faixa de pedestres, costumo notar a grande diferença que há na percepção sobre o deslocamento entre os espaços. Me acostumei com esse deslocamento e, sempre pensei muito sobre mim e sobre a paisagem pela qual eu percorro. Moro longe de onde estudo e, todos os dias, atravesso o mesmo caminho. Dizem que a gente deixa de enxergar o que vemos com frequência, que a gente se acostuma. Cada dia que passa, no entanto, eu observo mais. Sempre vejo algo novo, que não tinha notado antes. É agosto. Faz meses que não chove, e tudo que se vê tem um tom de vermelho acobreado. As árvores, que formam caminhos, estão secas. Não há verde. E quanta beleza há nisso. Os galhos do cerrado são contorcidos de tal forma que parecem dançar. A melodia da cidade. Brasília é cidade quieta. Ninguém gosta do som, do barulho. Na minha cabeça, ele é alto. E nunca para. A melodia sou eu quem faço para a dança do cerrado.

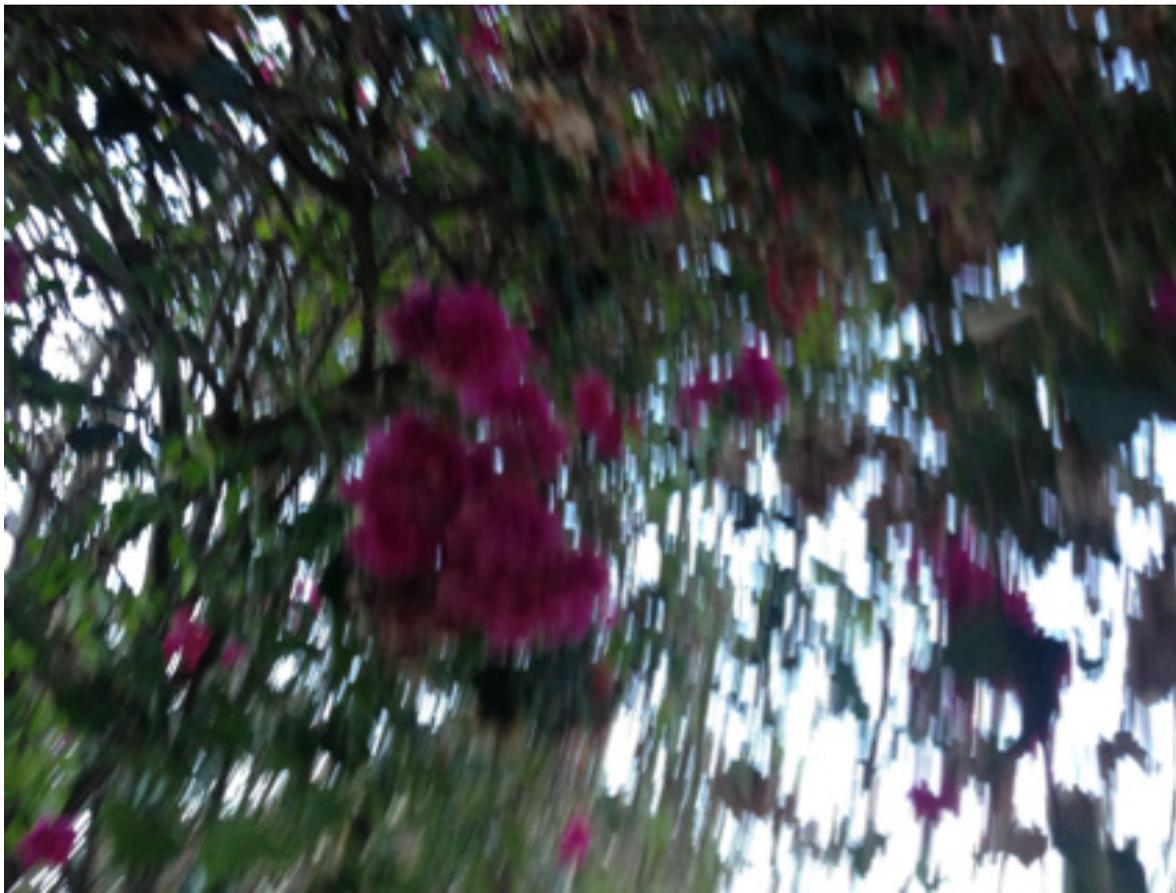


Clarice, em uma visita à Brasília, disse que a cidade foi construída na linha do horizonte. Acho que essa é uma das minhas definições favoritas da cidade. Em cada canto, há possibilidades. Sempre há o horizonte. Tudo é muito longe na cidade, mas, por outro lado, as pistas são largas e retas. Não há claustrofobia aqui. O horizonte acalma. Andar de carro em Brasília parece viagem. A gente olha a paisagem e os problemas vão se apagando aos poucos, até que a gente chega no destino final.

Brasília não tem morro. Não tem subida nem descida. Engraçado reparar nisso num estado que é rodeado por superfícies tão íngremes. Estou na estrada, saindo do rio em direção a minas, e as subidas são, para dizer o mínimo, aterrorizantes. Pra onde olho tem morro. E casas, no alto do morro. Pra quem achava que o alto das curvas das tesourinhas eram o ápice da emoção. Quanta inocência. Estou no carro. Tonta. Rodeada por tantas e tantas pedras. Para ver o céu, tem que olhar pra cima. Não é só olhar pra frente, como em Brasília. É preciso toda uma inclinação do pescoço. Uma sensação esquisita. Cadê a imensidão infinita do céu de Brasília?

Escrevo porque transbordo. Preciso tirar o que sinto de dentro de mim. E escolhi colocar no papel. Cada palavra que digito carrega um pouquinho de mim. Um pouquinho que eu não consegui carregar. Deixo um pouco de mim em cada letra transcrita. Preciso disso para viver. Para continuar. Para começar. Não deixo que os outros vejam, no entanto, porque, afinal, e se não for julgado como bom? Tudo o que eu sou, tudo o que eu sinto, não vale de nada? Nunca mostro essa parte do que sou. Ou parte alguma. Quem entenderia? Dentro de mim, só se vê amor e um emaranhado, uma bagunça que não tem substância. Uma confusão que é, somente por ser.





Às vezes, olho para o texto e me perco. Minha mente vai ficando cada vez mais distante, e o foco do meu olhar se esvai aos poucos. As letras vão perdendo a nitidez até que, tudo o que eu vejo, são os caminhos que se formam entre a negritude das palavras. Tudo o que está ali, no papel, nada significa. Aquela imensidão de palavras se torna um labirinto, no qual eu tento buscar a saída da nebulosidade da visão. Por longas frações de segundos, me concentro em sair do labirinto, que imagino ser uma cidade. Uma imensidão do desconhecido, que forma caminhos nos quais eu me perco. Enquanto me esforço para sair do labirinto da minha visão, as palavras ecoam em minha cabeça. E eu tento voltar. Voltar para a significância do texto. Do que está explícito. O caminho de volta, é lento, devagar e suave, como o despertar num dia de domingo. Os caminhos começam a se perder, a medida em que o texto salta aos meus olhos. Volto. Mas sempre me lembro do labirinto do que é dito. Do que está escondido. Da cidade que habita o que há para se habitar. ♦

Os galhos secos

*“Escreve Nietzsche, não me recordo onde,
que uma filosofia é sempre a expressão de um
temperamento.” – Osman Lins*

BRÁSÍLIA É CIDADE QUE MEXE COM O FÍSICO de quem por ela passa. A pele perde o brilho, ganha um tom acinzentado. O nariz derrama sangue. A boca ganha rachaduras, assim como os pés. Estes, ainda, ficam sempre vermelhos, cobertos por um pó fino que toma conta da cidade. Por aqui há uma terra que invade o ser. Contrasta com o branco excessivo da arquitetura do centro. Deixa a cidade mais vívida. É a seca agindo. Uma das minhas coisas favoritas na cidade é o contraste que existe entre o cerrado e a arquitetura urbana. O cerrado, cheio de ramificações, terra vermelha, galhos secos, e troncos retorcidos, se encontra à claridade da cidade. Sempre tão branca, tão limpa, tão reta.



Hoje me deu vontade de comer amora. Quando criança, havia um pé de amora perto de casa, e a gente sempre levava bacias para catar amora do pé. Minha mãe costumava fazer geléia de amora, e nós passávamos semanas sempre roxinhos de tanta amora. Só agora me dei conta de que amora não vende no mercado. E que a cidade tem pés de amora por todo canto. A gente pega a fruta do pé. Lembrei que minha mãe também adorava sentar embaixo das mangueiras de copas enormes do centro da cidade. Nos sentávamos na grama aos domingos, depois de andar de bicicleta no eixão. Ficávamos ali, sentindo o vento, encostados na árvore, por vezes comendo e sujando mãos, rosto e roupas de manga. Cresci. Como sinto falta dos passeios de infância. A cidade era nosso parque de diversões. Os fins de semana sempre tinham um cheiro fresco de sol e acarajé. Meu pai adorava. Íamos na feira da torre almoçar. Foram tantas vezes, mas, na minha cabeça, parecem uma só. Hoje eu quis muito comer amora. Fui atrás do pé da minha infância. A amora tinha sabor de antigamente. Que tempo feliz é o tempo de amora.

No verão, há uma imensidão de frutinhas roxas que se espalham pelo chão, que se apropriam de tudo o que nelas encosta. O chão é tomado por essas bolinhas que se parecem ora com uvas, ora com ameixas. Nunca comi tais frutas, mas elas sempre eram presença obrigatória nas férias. Desde que, quando criança, brincava na grama e recebia inúmeras broncas da minha mãe por voltar com a roupa toda manchada até quando, pouco tempo atrás, me deparava com elas no chão, porque sempre ando com o olhar fixo ao chão.

Senti o cheiro de fumaça e vi o horizonte se tornar acinzentado. Cheguei mais perto, vi uma linha de fogo. Parecia distante. Mantive a calma. Já haviam ligado para os bombeiros. Os minutos iam se passando numa contagem temporal paralela, por vezes, pareciam horas, por vezes, uma fração de segundo. O fogo chegava cada vez mais perto. Havia casas. Famílias. Crianças. Não mantive a calma. Os bombeiros não chegavam e a fumaça já não nos deixava ver uns aos outros. Os minutos continuavam passando nesse misto de eternidade e efemeridade, e, por vezes, eu não conseguia entender o que estava se passando. Me desesperava e chorava e, de repente, me tornava apática. Não conseguia me mover. Observava o incêndio tomando proporções cada vez maiores: aqui, ele já saíra do meio do mato e chegava perto dos muros das casas. Quanto mais perto chegava, mais pessoas iam em direção a ele. O sentimento de defesa do que é seu transforma algo dentro da gente. Mas contra o fogo ninguém vence. É tempo de seca. O cerrado e os incêndios nesta época têm relação de longa data. Fazia calor. Mais de trinta graus. Era quase meio dia. O calor que vem do fogo, no entanto, queima a alma. Com o cerrado não se brinca. As crianças, haviam muitas, se encantavam com a chama. Era possível ver o brilho nos seus olhos; aquele certo brilho no olhar quando uma novidade repentina interrompe um dia como outro qualquer e o torna um dia a ser lembrado. Esse dia seria. Pelo menos, pra mim. Entre os adultos e moradores do local, alguns se desesperavam, queriam enfrentar o fogo, tentavam apagá-lo com apenas um balde d'água. Outros, desacreditavam. Já tinham visto muitos incêndios. De jeito nenhum aquele seria o que os atingiria. E eu, que alternava entre desespero e apatia, não conseguia lidar com nenhum desses sentimentos. Foi nessa hora que acabou. O fogo foi apagado. Em poucos minutos, todas as angústias foram apagadas também. Ao olhar em volta, nada parecia ter sido tão aterrorizante. Me questionei se toda aquela cena não teria se passado somente na minha imaginação. Olhei para o lado, vi olhares que carregavam as marcas. O fogo se foi, mas essas ficam pra sempre. Nas construções e na gente, em construção.

A seca em Brasília significa, além de incontáveis problemas respiratórios, possibilidades. Possibilidades de conhecer a cidade. De habitar o lago, os diversos parques da cidade. Outro dia, percorria um caminho corriqueiro, e olhei para a minha lateral direita, percebi que, em meio às árvores, que sempre estiveram lá, havia pessoas caminhando, detalhe no qual eu nunca tinha notado. O lugar, as árvores que eu sempre atravessei, faziam parte de um parque. Há vários na cidade. Quando a estiagem acaba, o brasiliense, acostumado com ela, se intimida, se encolhe, e observa. A cor da paisagem muda; o que era vermelho, ganha tons de verde que vão do mais claro e aberto ao mais escuro. As chuvas retornam e a cidade ganha cores. Além dos icônicos ipês, os guapuruvus acompanham toda a cidade, e, com as primeiras ventanias, espalham suas flores amarelas por todo o chão, formando tapetes coloridos em meio ao asfalto, cinza e ríspido. ♦

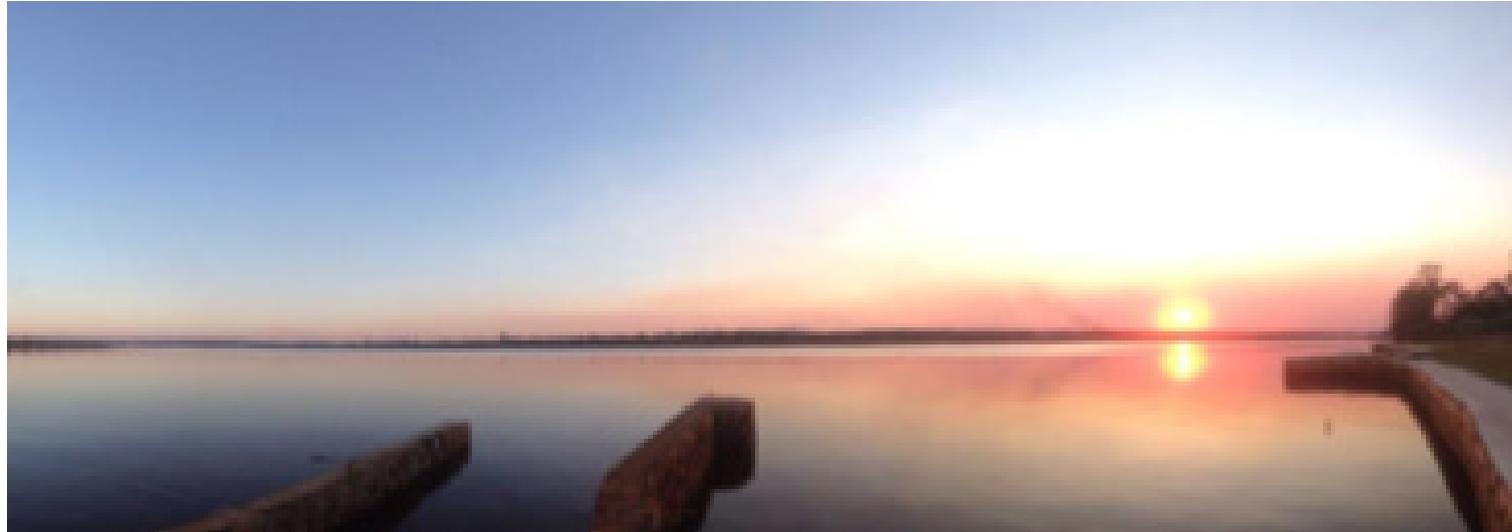


O degradê

“Estou neste instante num vazio branco esperando o próximo instante. Contar o tempo é apenas hipótese de trabalho. Mas o que existe é perecível e isto obriga a contar o tempo imutável e permanente. Nunca começou e nunca vai acabar. Nunca.” – Clarice Lispector

O PÔR DO SOL. UM DEGRADE DE LARANJA QUE, suavemente, se torna rosa e vai de encontro a um leve tom de azul, com nuances de branco, que vai ganhando camadas e mais camadas de um anil intenso, até que, enfim, se torne quase preto. A transição completa. O pôr do sol aqui é democrático. Pode ser visto em qualquer lugar da cidade. Qualquer lugar. Me lembro de um, em específico. Numa favela – a maior da América latina. Foi a visão mais bonita de um pôr do sol que já tive. Talvez, não pela cena em si, mas por todo o contexto que a rodeava. Éramos muitos. Com um mesmo propósito, com uma só vontade. Tinha um senhor lá. Nem muito alto nem muito baixo. As mãos calejadas; pedreiro. Uma certa tristeza no olhar; sua mulher estava no hospital, tinha perdido um bebê. As sobrancelhas grossas; expressão pesada, robusta. Pastor, mas não gostava muito de falar. Agradecia muito. Tinha um lote e usou metade do terreno para fazer uma igreja para a comunidade. O lugar era simples. Era feita de pedaços de madeirite e restos de guarda roupas. Estávamos lá, nós, dentre várias outras pessoas: eu e esse homem. De alguma forma, senti que a gente se conectava. Alguma coisa no seu olhar, na sua melancolia, me fazia saber que, de alguma forma, éramos parecidos. A vida nos separava de tantas formas. Mas nós nos achamos. Não pude fazer muito por aquele homem. Não pude ouvir sua história, ou ajudá-lo com seus problemas. Algum dia, vou esquecer isso. Mas, até lá, cada pôr do sol vai me levar de volta para esse dia. E para esse senhor.





Certos dias, como hoje, a alma não sossega. Há uma solidão que parece sair da pontinha do estômago e inquieta cada célula do corpo. Uma inquietação que paralisa. Nesses dias, costumo voltar para casa no cair do sol. O céu me acalma. Nessa cidade, a gente sempre tem o céu. ♦



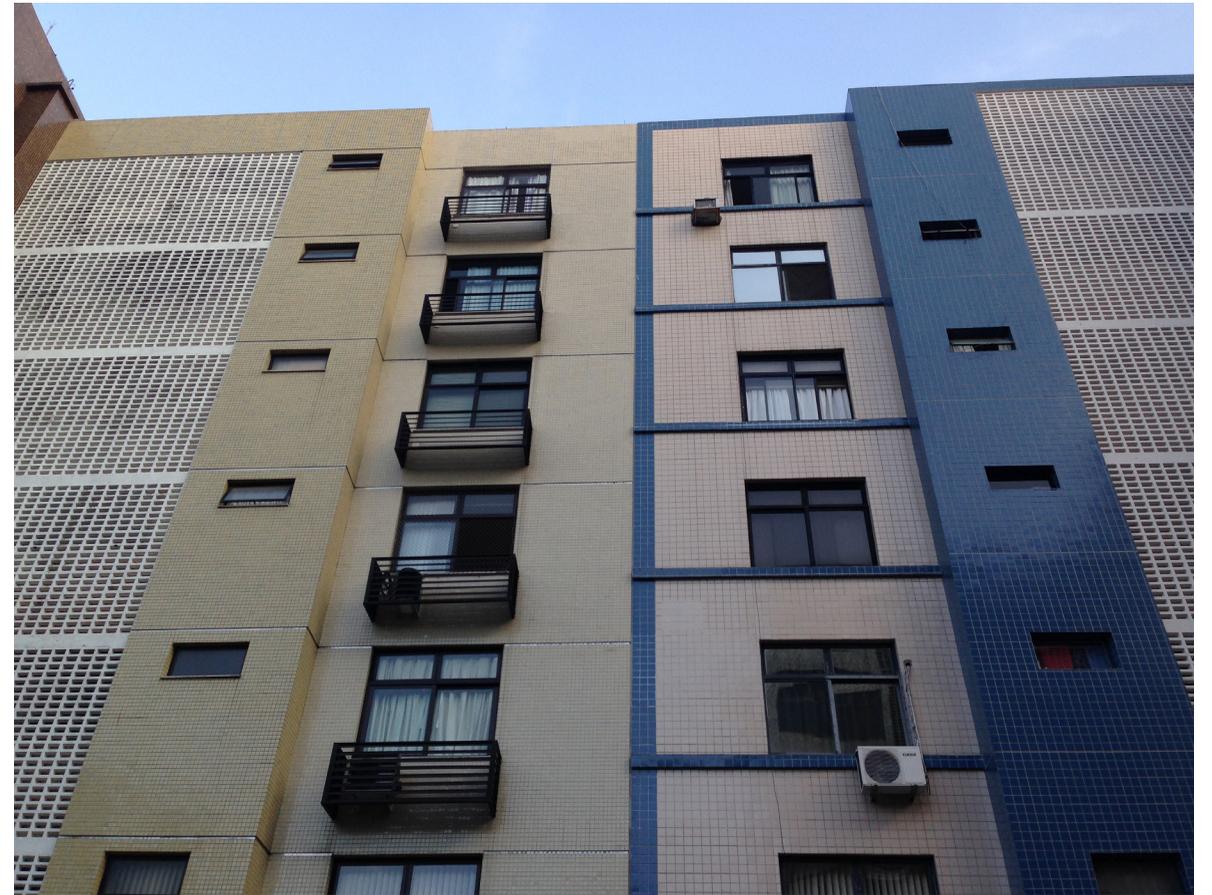
A repetição

“A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.” – Italo Calvino

ME SINTO TÃO CONFORTÁVEL COM A ARQUITETURA sóbria e minimalista do niemeyer. A cidade parece tão simples de ser vivida. Estou no centro do Rio de Janeiro, às 22h, em meio a prédios construídos séculos atrás. Não tem carro algum na rua, e estou só esperando o uber. Por um instante, fui deslocada no tempo. Por um instante, me senti como uma estranha num outro contexto. A construção carrega a memória da cidade. O centro do Rio não diz mais o que a cidade é. É uma parte da cidade que, aos poucos, é esquecida por não causar identificação. Há, agora, vários movimentos que buscam trazer vida à esta parte da cidade. Em Brasília, esses mesmos movimentos estão acontecendo, não para ressignificar um espaço construído, mas para ocupar o espaço vazio, o espaço público. Me questiono sobre o que vai acontecer à minha cidade daqui alguns séculos. O que os vazios da cidade vão dizer aos moradores? Brasília é patrimônio cultural da humanidade. O Plano Piloto não pode ser modificado. Mas a cidade cresce. Os vãos precisam ser preenchidos, ou deixarão de gerar identificação. A beleza da cidade está no movimento. A constante construção. A constante ressignificação.

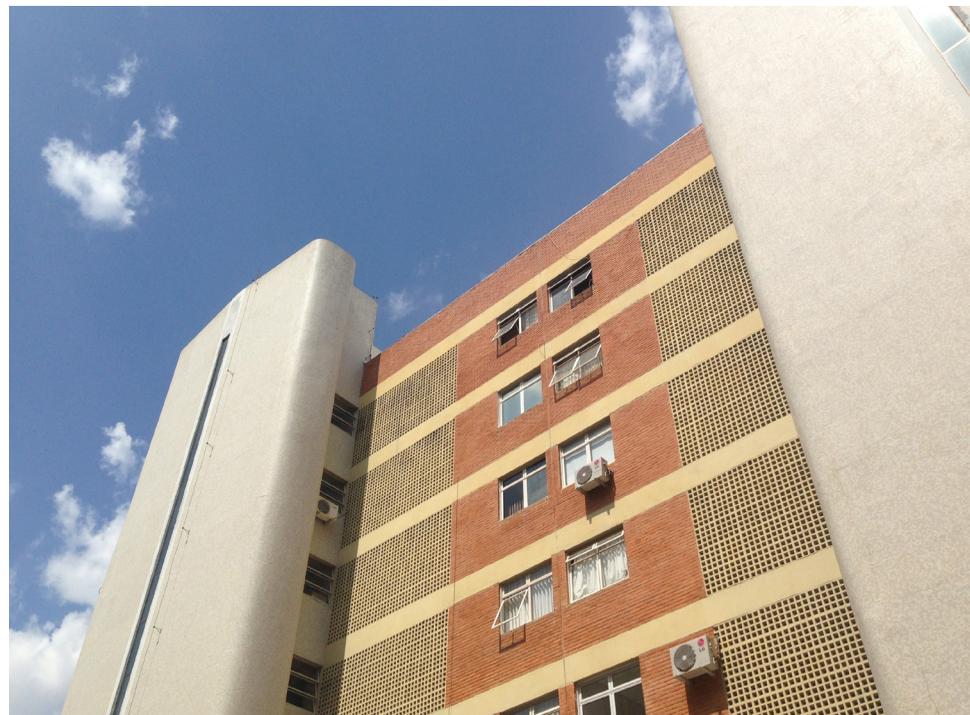


Cidade setorizada. Cada coisa tem o seu lugar. Tudo é muito organizado. O caos que, normalmente, caracteriza e identifica as cidades, se esvai na Brasília que eu vivo. Este caos, no entanto, sendo necessário à ordem da vida, parece se instaurar nos moradores. Parece se instaurar em mim. Me vejo na cidade e encontro tudo o que não sou por dentro. O vazio da cidade preenche os meus excessos.



Lembro-me de quando era criança e atravessava as grandes avenidas da cidade de carro com meus pais à noite. Essa situação decorria de um único tipo de evento: a volta para casa após as festas que íamos. A família estava sempre reunida, e eu, quase sempre, adormecendo no carro. Enquanto me deitava no banco de trás, reparava nas luzes da cidade. O caminho infinito de postes de luz amarela me amedrontava e impressionava na mesma proporção. Sentia uma angústia. Como se o mundo fosse grande demais, pesado demais, e eu tão pequena. Da janela, um mar de pontos de luz e a percepção de que, para cada pontinho brilhante, deveria haver ao menos uma pessoa. Uma história. Uma vida. As ruas eram sempre tão vazias. Dire Straits no som do carro. O caminho de postes ainda me faz sentir. Me tira do eixo. Hoje, atravesso sozinha a imensidão de pontos brilhantes. Me sinto cada vez menor na cidade.

Brasília engana o olhar. Há um jogo de texturas, de formas e colocações que fazem com que os prédios ganhem vida. Há uma certa repetição de padrões que fazem a cidade o que ela é. ♦



O vermelho-acobreado

“Mas Brasília é vermelha. E é completamente nua. Não há jeito da gente não ser exposta nessa cidade.” – Clarice Lispector

VIVER A CIDADE É ENTRAR NO TRANSPORTE público as seis da tarde. Viver a cidade é frequentar os hospitais e escolas mantidos pelo governo. Viver a cidade é ver a cidade pelos olhos de quem a constrói. Viver a cidade não é estar no lago no fim de semana. Ou atravessar - e admirar - a terceira ponte. Viver a cidade é sofrer com a cidade. Viver a cidade é comer um pastel com caldo de cana na rodoviária, depois de um dia puxado. Viver a cidade é conseguir ver beleza na rotina. É acordar cedo e voltar pra casa tarde porque o trajeto até o trabalho leva horas. Viver a cidade é sempre carregar um guarda-chuva na mochila, mesmo durante a seca. É sempre ter esperança de seu ônibus passou, mas outro logo vai chegar. Viver a cidade é se perder e desconhecer o labirinto do plano piloto. É não conhecer cada entrada, cada setor, cada quadra. Viver a cidade é ser visitante na cidade. É morar longe e apreciar a vista por todo o caminho. Viver a cidade é, também, não apreciar a vista enquanto pensa nas prestações a serem pagas nesse mês. Viver a cidade é perder a parada e ter que andar um pouco mais. É não saber qual a parada porque a cidade toda igual. Viver a cidade é descer na quadra certa, mas na asa errada.



Em Brasília, tem favela. A favela tá longe do centro, bem escondida, nas margens do distrito. A favela não foi planejada. Não devia estar lá. Mas o que fazer com as pessoas? O que é público é, também, problemático. Tem gente que vive num lixão. Tem gente que não vai pra escola. Tem criança que trabalha desde cedo para ajudar os pais. Tem criança que faz as vezes de pais. Cidade grande tem essas coisas. De não conseguir lidar com tanta gente. De deixar alguns à margem. Brasília não foi diferente. Uma cidade planejada, moderna, conceituada. Tem gente que não sabe. Brasília, para alguns, é trabalho. Sufoco. Suor. Alguns construíram essa cidade. Tive a oportunidade de conversar com um senhor. Muitas vezes, não há sentimento. Não há pertencimento. A cidade não passa de uma obrigação para a sobrevivência. Se eu pudesse, eu tava lá na minha cidade, lá na Bahia. Lá é bom demais, mas tem que trabalhar né, tem que se sustentar, aí vim pra cá. Aqui é bom, trabalho, tenho minha casa aqui, ó, tô construindo, vai ficar bom. Mas quando eu puder, quando eu puder eu volto pra Bahia. A cidade deve ser liberdade. A cidade pequena, a cidade grande, a vila, a escolha. Viver é escolha. Mas só para alguns.

Viver é mesmo muito perigoso. A gente vive sempre a mercê do acaso. Tomamos decisões que impactam o resto de nossas vidas, e nem nos damos conta disso. Conheci um senhor numa favela. Falava muito bem, era muito inteligente, prezava muito pela educação – de seus filhos e das outras crianças da comunidade. Conversamos. Em um determinado momento, ele nos contou sobre seu passado. Tinha vivido grande parte da sua vida no plano piloto. Vivia bem. Estudou em boas escolas. Entrou na faculdade. A vida deu a ele as oportunidades. De alguma forma, ele as recusou. Se afastou do plano. Foi em direção à margem. Tanto, que não pôde mais voltar. Se casou. Teve filhos. Sempre à margem. Estava desempregado. Passei dias sem acreditar. Sentia uma dor na boca do estômago. Os seus vizinhos nasceram e cresceram assim. As oportunidades não chegavam até eles. Mas chegou pra ele. E passou. Não volta. Os dias passam num sopro delicado e rápido. E, a bolha em que a gente vive é facilmente estourada. Sempre pensei que a vida melhora a cada geração. Sempre vi isso. Meus pais tiveram oportunidades que meus avós não tiveram, e eu tive mais oportunidades que meus pais. A bolha da classe média. Vivi. Só então vi quanta gente, tão perto, não tem acesso ao básico. Pra quem é pobre, o importante mesmo é ter onde morar. Estudar, aprender, ter ventilação, espaço verde, uma vista, é tudo luxo. Viver é muito perigoso. Enxergar o que não é visto. Ser parte, e depois não ser. ♦



O propósito

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso.” – Italo Calvino



A GENTE NUNCA CONHECE UMA CIDADE por completo. Sempre tem um primeiro encanto, sempre há um caminho sem saída que nos encurrala. Penso se é isso que difere uma grande cidade de uma cidade pequena. O sempre saber. O sempre ser igual. Qual o efeito de se conhecer tudo numa cidade? Onde mora o encanto? No que há de novo, sempre, e todo dia, ou no que está sempre igual, no que permanece, no que não se modifica? Aqui, no interior de Minas, tudo permanece igual. A cidade é a mesma de dez anos atrás. As pessoas são iguais. Estão sempre iguais. O ritmo da cidade é o mesmo. Qual a diferença substancial entre uma cidade grande e uma cidade pequena? O que torna o ritmo tão diferente sendo que somos todos feitos da mesma matéria? Brasília é cidade grande com um jeitinho de interior. É cidade grande porque nasceu para ser. Tem gosto e cor de cidade de interior. A vida corre, mas as ruas são paradas.

Dentre todos os lugares da cidade, há um, em especial, que a torna uma cidade grande. Nos moldes da industrialização, do século XXI, da modernização, coisa e tal. O lugar é um caos. Está no centro, onde circulam centenas de pessoas todos os dias. E, diferente da rodoviária – a grande ideia de multidão do centro –, em que a periferia lidera massivamente a ocupação, o setor comercial sul, como é chamado, alia, no mesmo espaço, o que há de mais sórdido e esquecido na cidade – os moradores de rua – a um padrão diferenciado de moradores da cidade. Lá, funcionam bancos, órgãos públicos, espaços inovadores de trabalho coletivo, que se misturam à restaurantes, botecos e vendedores de rua. Todo tipo de gente circula pelo lugar. O caos se estende aos estacionamentos e aos arredores do setor. O transporte público rodeia o espaço por todos os lados. Há paradas de ônibus que chegam a qualquer parte da cidade e há, também, uma estação do metrô, de movimento mais restrito. Ainda assim, a quantidade de carros ao redor do setor comercial é indescritível. Ao andar pela sua extensão, é conflitante ver as realidades que o espaço abriga. Vale lembrar que, diferente de outros grandes centros urbanos, em Brasília, as classes sociais são bem distantes, inclusive geograficamente. O movimento é constante durante o horário comercial. Nos horários de pico, faz as vezes de formigueiro. É difícil de andar. Quando o sol se põe e a noite cai, o lugar, antes cheio de vida, movimento e cores, ganha um ar sombrio. “É lugar de bandido”, eles dizem. “Só tem drogados”, eles dizem. O que eles não sabem é que parte do ser cidade é a ocupação, a vivência. Sem isso, a cidade não passa de construção sem significado. De um espaço de evasão.



Para saber de Brasília, só estando lá. Dizem que é cidade desenhada. Toda organizada. Sem graça até. Não se vê gente. Brasília abriga o mundo todo, mas não tinha brasiliense. Agora tem. A cidade agora brilha. Tenho que explicar toda vez. Não foi sempre assim não, senhor. Mas é. Bonito de se ver. Até quem não é de lá se encanta. Mas tem que ver. Não dá para explicar. Há cidades que transmitem um pouco de si: nos moradores, nas paisagens, no sotaque. Brasília não tem sotaque. Só entende a cidade quem a vivencia. ♦



O despropósito

“Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. [...] Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela” – Lucio Costa

A GENTE CAMINHA E POUCO CRUZA COM AS PESSOAS NA RUA. Só se vê um emaranhado de gente na rodoviária do Plano Piloto. O coração da cidade. De lá, se vai para todo lugar. O centro. Quanta gente. Quanta coisa acontecendo. Mas tem rua, sim. Quem povoa a rodoviária diariamente vem de todo canto, das satélites; e nas satélites tem rua. Tem rua, praça e, às vezes, tem até esquina, sim. Só não tem nome. Brasília gosta de número. É categórica. Meio fria, até. Algumas regiões existem antes mesmo de Brasília existir. Começaram, quase sempre, como espaços provisórios, mas ganharam, ou melhor, conquistaram sua importância. Sua autonomia. E seu próprio emaranhado. Tem gente que diz que as satélites são confusas, que não fazem sentido. Isso é porque elas foram feitas de gente e para gente. Sempre muitos, sempre juntos. E juntar é sempre um nó, é sempre um sem começo nem fim que respira, que pulsa. As satélites são a cara das pessoas. e as várias caras da cidade.



A gente carrega na gente um pouco do lugar de onde viemos. Carregamos características da cidade e as levamos pro mundo. Uma relação que é paradoxal, já que a cidade é feita da gente. Me perco com facilidade, em espaços físicos e nos espaços ocupados da minha consciência. Me perco pelos caminhos porque, antes de tudo, já me perdi em mim? Tomo rumos não planejados, me sinto acolhida pelo desconhecido. O que vem de mim? O que é meu é só meu e de mais ninguém? A cidade reflete uma nova versão de mim a cada novo caminho. Costumava me desesperar quando me perdia na cidade. Isso no começo, quando era inexperiente. Depois, aos poucos, fui me adaptando. Pensava sempre que alguém estivera ali antes, que aquele era o caminho de casa de alguém e, principalmente, que alguém teve essa ideia, alguém tornou aquele caminho possível. Pensava que não podia dar errado. Que eu com certeza encontraria meu caminho de volta. Caminho de volta. Ecoava na minha cabeça. Caminho de volta. Poderia eu retornar ao que já fui? Naquela época, antes de toda essa confusão. Só existia um caminho possível. Na cidade, é sempre possível voltar. Na gente, os caminhos que se formam se fecham, se movimentam a todo instante. O retorno não é possível. É preciso sempre criar novos caminhos.



A cidade constrói um pouco do que somos. Comecei a me indagar o quanto de mim é parte da cidade onde vivo, dos lugares por onde passo, das paisagens que observo. Da mesma forma, passei a pensar nas personagens reais que são moldadas pelos locais onde vivem, onde passeiam, e que conhecem. Lugares inóspitos. Esquecidos. O quanto dessas pessoas deixa de ser por conta das paisagens em que elas se encontram? Drummond, em seu poema Favelário Nacional, dedicou alguns versos à Ceilândia, que, anos mais tarde veio a abrigar a maior favela plana da América Latina. Há dois versos que muito me marcam: “A suntuosa Brasília, a esquálida Ceilândia contemplam-se”, logo no início. Esquálida. Entre os sinônimos dessa palavra, estão “imunda” e “cadavérica”. Onde está a poesia da cidade na Ceilândia? Onde morariam as diversas pessoas que vieram para construir a suntuosa Brasília? Não mereceriam elas parte do planejamento e da arquitetura projetada? E a infraestrutura? A imagem das cidades não converge. Brasília e Ceilândia abrigam dois mundos distintos. A arquitetura de ambas as cidades demonstra isso. Seus moradores. Suas raízes. O segundo verso “Por que Brasília resplandecente a pobreza exposta dos casebres de Ceilândia, filhos da majestade de Brasília?” me faz pensar. Por que segregar? No plano piloto não tem espaço para filhos de lugares feios. E a paisagem continua definindo o que se é e onde se pode chegar. No trabalho, chegou uma nova moça para fazer a limpeza. Conversamos. Ela era negra e usava um batom vermelho escuro, um desses tons que tem um nome específico da moda que eu desconheço; o batom aqueceu sua face, tornou-a vívida, o seu batom demonstrava para mim a sua força. Elogiei. Ela perguntou a minha idade, respondi e ela me disse que seu aniversário havia sido há apenas três dias, tinha completado a mesma idade que eu. Não consegui acreditar. Nada nela demonstrava ter vinte e poucos anos. A aparência era cansada, as costas, curvadas, o trabalho que costumava realizar, ninguém olhava. Ela morava longe, gastava mais de duas horas no percurso casa/trabalho, ela me disse. Ela sonhava muito, assim como eu. Vivía no mundo as nuvens, dava para notar. Não tinha tempo de estudar. Disse que o sonho dela era trabalhar com tecnologia. Era ela quem consertava os aparelhos eletrônicos em casa. Resolvia todos os problemas, tirava peças, colocava de volta, soldava até, se preciso fosse. Ela, esquálida, não conseguia resolver seus próprios problemas. Eles cresciam, se multiplicavam de tal forma. Não tinha ninguém para ajudar.

Me perguntaram se a Brasília que eu vejo é redonda ou quadrada. Não soube responder. A Brasília que eu vejo é de extremos. Um pouco indecisa também. Acho que, assim como eu, ela tá se descobrindo ainda. Tem dias que quer ser curva acentuada, velocidade e fluidez; em outros, quer ser chapada, robusta e permanência. A minha Brasília foi feita para ser modernista, inovadora e conceitual, mas as vezes só quer agir como uma cidade de interior, com calma; outras, borbulha. A Brasília que eu conheço está se construindo e se reinventando como cidade, como símbolo, assim como as primeiras gerações de jovens nascidos nela. Brasília é uma cidade memória, que se constrói a partir das recordações de todo canto do Brasil.



Li um livro que dizia que “a cidade é o símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das experiências urbanas”. Observei a minha cidade. A arte urbana me chamou a atenção. Brasília é fria. Suas cores e formas constroem uma cidade para ser vista. Nem tanto para ser vivida. Mas a arte, a arte encontra o seu lugar. E, se não encontra, ela cria. Há arte em todo lugar na cidade. Os grafites feitos em muros de escolas, fachadas de prédios e postos de energia aconchegam. Na w3, há arte em todo o perímetro. As fachadas das casas são telas para os artistas da cidade. A w3 ferve. Dá para sentir na rua o que é viver. O emaranhado. Lá, há um espaço cultural enorme, e é mais um entre os diversos museus que estão inativados na cidade. Os espaços propícios à produção cultural são restritos. O brasileiro ocupa. Insiste. A cidade, que antes parecia fria – e até um pouco inóspita – ganha cores. Ganha vida. Os artistas de rua. Circenses, especialmente. Encantamento no semáforo. Vida na rua. Se acomodam em meio aos carros enquanto os pedestres, sempre atrasados, atravessam o sinal. Passam direto. Os motoristas, desatentos, fitam o vermelho na esperança de que, assim, o verde ocupe o seu lugar com agilidade. Enquanto os artistas, os artistas permanecem. O tempo da arte é outro. É agitação e calma. Viver de (e com; e para) arte é viver. E viver é ocupar. ♦





O vã

“O que dá a uma cidade o seu caráter especial não é a sua topografia e nem seus edifícios, mas antes o somatório de todos os encontros casuais, de todas as memórias, de todas as letras, de todas as cores e imagens que coalham a memória superpovoada dos seus habitantes.”

– Orhan Pamuk

CERTAS COISAS SÓ SAEM DE MIM EM DIREÇÃO AO PAPEL. Falar subentendendo um interlocutor, e não há algum melhor que uma folha em branco. Há um turbilhão de pensamentos que se misturam e que nunca parecem ter um começo, ou um fim. Eu ocupo a página não escrita e, assim, ocupo espaços antes inabitados em mim, e no que vejo, e no que sinto. Ocupo não só porque quero ver beleza, ocupo porque quero ver o que há por baixo. Por baixo de mim, por baixo da terra, por baixo da água. Descobri uma vila inteira submersa no lago da cidade. Quantas vidas, quantas histórias, quantos objetos-memória. Nada se fala sobre. É difícil saber o que, e porque aconteceu. Está aí a necessidade, a beleza, a conquista, a vitória de ocupar o papel. E a si. Sempre.

Sou a mistura de tudo o que vivo. E, tudo o que vivo, é também, a cidade que vivo. O vento que sopra em minha direção enquanto tento escrever essas palavras, as árvores que vejo e que já não tem folhas – o deixar de ser também é uma construção –, as árvores que, ao contrário do que se espera, florescem em meio à seca, a névoa branca que cobre o céu quando há fogo no cerrado, as doenças respiratórias que me acompanham, ano após ano. Sou as decisões que já tomei, as que deixei de tomar, e as que ainda tomarei. Sou as músicas que escuto quando, presa em mim, procuro a revelação do que sinto. Sou os meus trechos favoritos dos meus livros favoritos. Sou um recorte das mulheres que me inspiram e me tornam, em alguma instância, mais forte do que fui ontem.



Acho que me acostumei com a falácia de que em Brasília as pessoas não se falam. Costumo andar só e sempre me perco na minha solidão. Sempre há, no entanto, um desconhecido que tenta quebrar a barreira que construo em mim mesma. Aqui, costumo achar estranha essa atitude, essa intromissão, essa falta de silêncio. Em outras cidades, quando sou turista, quando vivo para descobrir pessoas, sotaques, obras e pensamentos, essa intromissão me soa como uma gentileza. Sou toda olhos e ouvidos para o novo. As pessoas me fascinam e já não quero estar só, comigo. De volta à minha cidade, onde o que há em mim, e só em mim, prevalece, exercito o que vem de fora, o olhar do outro, a voz do outro em direção a mim. Dessa vez, caminhava em direção ao cartório. Dos lugares que menos gosto de estar. Carregava um livro para aguentar a viagem e uma moça me interrompeu o pensamento: “tá quente, né?” respondi que sim, e que tinha lido no jornal que, finalmente, choveria nesta semana. Ela, desacreditada, se pôs a falar. Falamos sobre o tempo, sobre as bocas de lobo entupidas da cidade, sobre companhias de telefone abusivas; ela me contou sobre seus filhos, suas dificuldades, seus sonhos. Seu maior sonho, naquele dia, era receber seu auxílio-doença; tinha se machucado no trabalho e estava afastada havia um mês. Precisava pagar suas contas e queria comprar uma geladeira nova. Enquanto ela falava, me ocorriam imagens de Maria de França, personagem da personagem de Osman Lins, o livro que carregava nas mãos. Maria de França lutava contra a burocracia, assim como a senhora que compartilhava comigo suas angústias, a qual eu nem ao menos lembro o nome. A coincidência me estremeceu um pouco. Enquanto ela me contava detalhadamente o acidente que lhe causara a incapacidade de trabalhar, narrativa da qual eu quis escapar, me pegava pensando na literatura e na vida, o acidente do encontro, do acaso que trouxe esta senhora, e não qualquer outra, ao meu encontro enquanto lia este livro, e não qualquer outro. Nesta hora, ela foi chamada. Voltei a lhe dar atenção quando ela se despedia, e me abraçava e se retirava em direção ao balcão de atendimento.

O cheiro de pequi permeia toda a minha vida. Minha família costumava fazer panelas enormes de almoço quando era “época de pequi”. Adoro épocas. Pequi é algo engraçado de se comer. Vem de uma árvore com flores lindas, com um tom de amarelo-mostarda encantador, dessas coisas que o cerrado proporciona. Apesar do forte odor e do sabor não muito agradável, ele parece inofensivo. Eu acreditei que fosse. Na primeira mordida, no entanto, senti os espinhos na minha língua e céu da boca. Me avisaram tarde demais. Desde então, não comi pequi outra vez. Para o pequi, há todo um ritual. Em minha casa, ele é o prato principal. Há toda uma geração que desgosta do pequi e, por isso, quando perguntada sobre o meu interesse neste prato, nesta iguaria, recebi, ao dizer que preferia não ingerir, o título de “genuinamente brasiliense”. Fiquei pensando sobre essa expressão. Meus pais são filhos de Brasília. Mas seus pais não. A geração de filhos dos filhos tem uma cara própria, e a cara da cidade começa a ser identificada. Brasília deixa, aos poucos, de ser uma cidade de retalhos, para se tornar uma cidade com identidade e vontade. Adotei esse adjetivo para mim. Para sempre, genuinamente brasiliense. ♦

